

# Uma análise funcionalista e cognitivista da variação no uso dos pronomes reflexivos no português popular de São Paulo

(A functional and cognitive analysis of the variation in the use of reflexive pronouns in Popular Portuguese spoken in São Paulo)

Deize Crespim Pereira

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

deize.pereira@usp.br

**Abstract:** This paper presents a quantitative study of the variation between explicitness x omission of reflexive pronouns in Popular Portuguese spoken in the city of São Paulo. The data under analysis, collected by the *Popular Portuguese in São Paulo Project*, consist of 72 interviews with adult informants, illiterate or that have been only few years in school, born in São Paulo as well as immigrants of other parts of Brazil, that are slum-dwellers in the city of São Paulo. Using the theoretic and methodological tools of Variationist Sociolinguistics, Functional Linguistics and Cognitive Linguistics, we verify the statistical relevance of four linguistic factors: type of reflexive pronoun, discursive parallelism, referent's informational status, and divided-person metaphor.

**Keywords:** *Reflexive Pronouns; Popular Portuguese; Functional Linguistics; Cognitive Linguistics; Variationist Sociolinguistics*

**Resumo:** O presente trabalho constitui um estudo quantitativo da variação entre realização x não-realização dos pronomes reflexivos no português popular de São Paulo. O *corpus* sob análise, oriundo do *Projeto Português Popular em São Paulo*, é composto de 72 inquiridos de informantes adultos, analfabetos ou de baixa escolaridade, paulistanos e migrantes, que residem em favelas da cidade de São Paulo. Tomando por base os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, constatamos a relevância estatística de quatro fatores lingüísticos: tipo de pronome reflexivo, paralelismo discursivo, status informacional do referente e metáfora da divisão da psique.

**Palavras-chave:** *Pronomes reflexivos; Português popular; Linguística Funcional; Linguística Cognitiva; Sociolinguística Variacionista*

## 1. Introdução

Em estudo anterior (PEREIRA, 2007), empreendemos uma análise funcionalista e cognitivista da variação entre realização x não-realização dos pronomes reflexivos no português popular de São Paulo. Neste trabalho, damos notícia de quatro fatores que foram estatisticamente relevantes para explicar esta variação: tipo de pronome reflexivo, paralelismo discursivo, status informacional do referente e divisão metafórica da psique.

O *corpus* sob análise, oriundo do Projeto Português Popular em São Paulo, é composto de 72 inquiridos de informantes adultos de ambos os sexos, analfabetos ou semi-escolarizados (até 4ª série primária), paulistanos e migrantes, que moram em favelas da capital paulista. Desses inquiridos, metade foi gravada entre os anos de 1986-1987, e a outra metade entre os anos de 1997-2001.

Os pressupostos teórico-metodológicos são fornecidos pela Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 1972/1991), pela Gramática Funcional de Dik

(1989, 1997) e pela Linguística Cognitiva, mais especificamente, a Semântica Cognitiva de Talmy (2003a,b) e a Teoria das Metáforas de Lakoff (1996; LAKOFF; JOHNSON, 1980). Os dados coletados nos 72 inquéritos examinados são submetidos ao conjunto de programas estatísticos Goldvarb, de modo a comprovar a relevância dos fatores condicionantes.

A pesquisa não se restringe à variação no uso de *se*, já que contempla todas as pessoas do discurso e todas as formas pronominais, sejam elas átonas ou tônicas.

## 2. Análise dos dados

### 2.1 Tipo de pronome reflexivo

Entre os fatores analisados, o estatisticamente mais relevante para explicar a variação é o tipo de pronome reflexivo. Embora utilizando categorias semânticas diferentes, nosso estudo corrobora os resultados de outros trabalhos, que já haviam constatado a relevância deste fator (cf. NUNES, 1995; RODRIGUES; PEREIRA, 2006).

Com base em estudo anterior (cf. PEREIRA, 2007), foram estabelecidas as seguintes categorias para o fator tipo de pronome reflexivo:

1) *reflexivo verdadeiro*: o pronome assinala identidade semanticamente não-esperada entre o referente do sujeito e outro referente da mesma oração; nestes casos, o verbo utilizado prototipicamente evoca um evento de dois participantes.

- (1) Não sentí medo porque a gente é muito fechado a gente vem do interior que principalmente quem viveu na roça tudo a gente parece que a gente a gente fica tá sempre assim. Hoje em dia não ando assim. Eu **gosto de mim** eu gosto do que faço gosto do que sô gosto da minhas patroa sabe? (I.x.p.110)<sup>1</sup>
- (2) Aí eu falu assim... aí eu falu assim né? qui minha vida acabô... não tem mais sentidu... às vez eu pensu até im **mi matá... mi jogá** debaixo da ponti... porque é muita agitação... aí eu ficu muito agitada sabi? aí passa aquelas coisa assim... pela minha cabeça sabi? aí na mesma hora... aí eu óiu pas criança né? i pensu um pocu... porque eu já fui fazê issu aí ... naquela hora qui eu fui né? tá cum um anu mais ou menu... eu fui **mi jogá** lá na duta...?/ Doc. Como é que foi isso?/ Inf. ah... foi um neivosu bem grandi qui eu passei né? (2000 I. K,p.33)
- (3) Inf. Nós daqui buscava água lá na mina na Matarazo na cabeça... pra beber pra lavar a roupa ... e:: nós sofremos demais aqui... Nossa Senhora... depois que aquele: :: aquele prefeito::... eu tinha o nome dele meu Deus... eu sei que foi o:: Maluf e o outro Ronaldo de Barros... foi seu Ronaldão é... que passou a tomar conta aqui né?... que endireitou isso aqui/ Doc. é/Inf. asfaltô::... ponhou esgo::to ponhou luz/ Doc. ahan/ Inf. pro povo da favela não custou um tostão... foi tudo de graça... ponhou esgoto ponhou luz (água a gente) tudo tudo... deu água ligada... não deu um tostão de ninguém... mas nós sofremos demais aqui ... viu?... hoje em dia nós pode **considerar** rico/ Doc. é verdade/ Inf. é... tem água tem luz dentro de casa (I.P' p.16)

2) *reflexivo recíproco*: o pronome assinala uma ação ou relação mútua entre pelo menos dois participantes.

---

<sup>1</sup> As informações entre parênteses indicam o informante e a página do inquérito. *Doc.* e *Inf.* indicam, respectivamente, a fala do documentador e do informante.

- (4) Doc. Escuta Neusa como é que é a vida aqui na favela? Eu vi que cê tem um mundo de amigas/ Inf. Ah graças a Deus. Isso aqui ( ) / Doc. Todo mundo é amigo/ Inf. Tudo é amigo. Aqui nesse pedaço aqui todo mundo não tem esse negócio de de mal querença não, todo mundo **se dá um com o outro**, todo mundo quando um precisa de uma coisa o o outro serve aqui é muito bom. Eu graças a Deus moro aqui há sete ano não tenho o que dizê ( ) de vizinho nenhum (I.3,p.3)
- (5) Inf. tudo ali é dos artistas ponto dos artistas/ Doc. É uma espécie de sindicato? / Inf. Não, é na rua mesmo / Doc. Ah é? / Inf. Eles **reúne** na rua ali no Ponto Chic (I.w,p.14)

3) *reflexivo lexical*: o pronome assinala reflexividade esperada, ou necessária, envolvendo predicados que, em seu uso mais comum, se empregam reflexivamente.

- (6) Nós paramo três dias em São Luis do Maranhão. Chegamos em Aná/ e tomamos o trem pra Anápolis. Chegamos em Anápolis éh tinha umas irmãs que vinha vindo de Anápolis pra pra Belo Horizonte pra Minas né? ( ) freiras. Então eu **deitava** eu **sentava** no banco com a criança no braço e dormimos e as os menino tudo deitadinho tudo dormindo tudo sujo sem tomá banho sem nada (I.e,p.3)
- (7) Tive um choque muito grande dentro dessa casa com um raio que caiu assim eu fui correndo Zé ((som da respiração ofegante)) perdi a fala minha patroa ficô assustada ela me chacoalhava “Nenê Nenê pelo amor de Deus que aconteceu?” ( ) eu não conseguia falá porque o raio veio assim deu aquela aquele estalo né? Eu quase **me esqueci** que era casa de gente (I.x,p.96)

As categorias a seguir englobam as ocorrências de passiva reflexa, as quais abrangem verbos de Processo com sujeito Paciente (BORBA, 1991).

4) *passiva reflexiva com Agente* (em itálico) expresso no discurso; exemplos:

- (8) Inf. inclusive quem toca órgão lá é uma irmã é mulher / Doc. Mulher? / Inf. é / Doc. Vocês se chamam de irmão irmã? / Inf. Nós chamamos de irmãos e somos irmãos. É uma nova família que eu tenho. Eu aqui só tenho de família de sangue é só meu filho. Minha família tá toda em Belo Horizonte./ Doc. E e a a outra família na igreja/ Inf. E a minha família minha nossa família aqui é a igreja. E são minha família mesmo. Eles **se preocupa comigo**/ Doc. A senhora frequenta lá há muito tempo? (I.L,p.2)
- (9) As menina estudô no Jo/ no *João Solimeu* (...) Lá as menina **se formaru** a (Marilda) tudo né? (I.w,p.8)
- (10) Doc. Por que? ela tem algum problema?/ Inf. Tem. Ela tem marca-passo ela foi operada quatro veis inclusive antes do cê chegá nós tava comentando inclusive ela ficô internada esses dia seis dia ela saiu terça-fera passada/ Doc. Onde ela foi operada? / Inf. Lá no *Hospital São Paulo* muito tempo que ela **se trata** lá / Doc. Qual médico? Doutor Ênio? / Inf. É é dotor ai como é que é o nome? é é *dotor Ênio* ela **se trata com ele** também (I.y,p.41)

5) *passiva reflexiva com Causativo* (em itálico) expresso no discurso; exemplos:

- (11) Se fosse no tempo que eu tava trabalhando eu tivesse achado vaga pra elas eu ainda tava trabalhando né? (...) Porque eles em casa eu tenho medo de mexê no fogo tenho medo de mexê no fogo tenho medo de esquentá a comida derramá em cima deles né? (...) Outra hora um cai de cima dum dum de uma mesa de uma (trepeça) que nem a gente sabe onde é que a gente mora né? *cai de cima de uma coisa* e **se machuca** não tem ninguém pra socorrê (I.t,p.12)
- (12) Inf. Não viu o governo agora tirô essa lei de a pes/ o cara *matá* e sê liberado? Sê solto? / Doc. Lei Fleury/ Inf. né? Foi, o governo tirô. Lá no Ceará, em Pernambuco aqueles fundo de mundo, no Bico de Papagaio lá em cima, qué dizê então o que ia acontecê? “Não, pode *matá* que nós não **incomoda**”. “Então vamo *matá* fulano que ( ) / Doc. Como é que o senhor tem essas informações todas Bico de Papagaio, é televisão ou é sua experiência? (I.0,p.4)

6) *passiva reflexiva indeterminada*: o processo implica um Agente que não é mencionado; exemplos:

- (13) Doc. e é perto o Ceasa?/Inf. é pertinho daqui dá pra avistá o Ceasa... porque o Extra né? **inaugurô** essa semana... mais... sabe como é que é né... eu num tenho dinheiro pra í no Extra... quando num tem vai no Ceasa (I.D',p.23)
- (14) Inf. Tinha ônibus e bonde mais o o bonde sempre encrencava, de vez em quando eles corria um poco demais saía fora / Doc. saía da linha / Inf. É, saía da linha, parava o trânsito ficava tudo interrompido. Já as ruas estreitinha, depois foi **alargando**. A senhora não vê a avenida São João como **alargô**? E vai **alargá** mais (I.z,p.13)

7) *médio passiva*: o processo semanticamente não implica Agente; exemplos:

- (15) Então se adocece ou você ou quera ou não quera tem que levá no médico tem que ficá com eles em casa dois dia. Se a patroa reconhecê dá os dois dia. E se a patroa não reconhece? Você vai pro olho da rua. Sem serviço né? Que nem **se deu** muito com eu (I.t.p.2)
- (16) Se eu tivesse um emprego que desse pra eu pegá por exemplo de seis ou sete às sete por exemplo por dia como eu eu interesse trabalhá porque eu nasci **me criei** foi trabalhando não tem precisão de meus filho í pra creche não. O que eu ganhava dava pra eu minha mulhé meus filho passá. (I.j,p.64)
- (17) Inf. ela também ela nasceu muito pequenininha. Ela nasceu com dois quilo ficô lá no hospital recuperando o peso também. Então ela não teve nem possibilidade de pegá peso ((fala de criança)) por causa da correria. Tinha veis que quando eu tava de barriga com ela que eu terminava de fazê a a arrumação aqui de dentro que eu ia deitá tava com a carne do corpo tudo tremendo tudo tremendo assim a carne do corpo/ Doc. Cansaço né? / Inf. É de cansa(ço). Aí também eu acho que ela não tinha muita possibilidade de **desenvolvê** né? (I.t.p.8)

Na análise deste fator, não hipotetizamos quais categorias tenderiam a favorecer ou desfavorecer a realização dos pronomes reflexivos. Procuramos antes verificar se a função semântica exercida pelo pronome teria peso na variação.

**Tabela 1: frequência e peso relativo de realização de acordo com o tipo de pronome reflexivo**

Tipo de pronome reflexivo	Corpus de 1986-1987		Corpus de 1997-2001	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
1) Reflexivo verdadeiro	169/251=67%	0.65	157/206=76%	0.67
2) Reflexivo recíproco	34/66=51%	0.58	50/99=50%	0.60
3) Reflexivo lexical	42/358=11%	0.28	68/345=19%	0.33
4) Passiva reflexiva com Agente	28/52=53%	0.66	7/28=25%	0.42
5) Passiva reflexiva com Causativo	19/37=51%	0.65	12/26=46%	0.60
6) Passiva reflexiva indeterminada	19/55=34%	0.57	11/36=30%	0.52
7) Médio passiva	46/69=66%	0.73	33/64=51%	0.61
Total	357/888=40%		338/804=42%	

A tabela 1 indica que uma das categorias que mais favorecem o uso do pronome é a do reflexivo verdadeiro (pesos relativos: 0.65, 0.67). O reflexivo recíproco igualmente tende a favorecer a realização (0.58, 0.60), ainda que não de um modo tão significativo quanto o verdadeiro. Em ambos os casos, pode-se dizer que é grande o valor semântico do pronome, que serve, respectivamente, para assinalar uma

reflexividade não esperada (*matar-se*) e uma ação/relação mútua entre dois participantes (*unir-se*).

Entre as passivas, parece ser a função semântica do pronome assinalar um processo que recai sobre o sujeito e do qual ele é Paciente – note-se a oposição entre *machucar (alguém)* x *machucar-se*. As quatro categorias de passiva da tabela 1 evidenciam uma tendência geral de favorecimento do uso, mesmo e especialmente na categoria médio passiva (0.73, 0.61), que engloba processos que semanticamente não implicam um Agente. As ocorrências de passiva reflexiva com Agente do *corpus* de 1997-2001 constituem o único grupo que foge à regra, desfavorecendo a realização (0.42).

O reflexivo lexical, por fim, contrapõe-se às demais categorias, na medida em que tende a favorecer decisivamente a omissão do pronome reflexivo (0.28, 0.33). Tais resultados sugerem que, nestes casos, os verbos passam a incorporar um sentido reflexivo, tornando a presença do pronome desnecessária e redundante.

## 2.2 Paralelismo discursivo

No âmbito sintático, procuramos verificar se o fator paralelismo discursivo – já contemplado em estudos sobre a concordância verbal (cf. SCHERRE; NARO, 1993) – teria peso na variação que atinge os reflexivos.

A análise considerou três categorias: (i) primeira ocorrência de uma série, ou isolada, (ii) forma verbal precedida por forma marcada (com uso do pronome reflexivo), (iii) forma verbal precedida por zero (pronome não explícito). Foram consideradas ocorrências em seqüência, não separadas por mais de 20 orações, com ou sem mudança de turno, como nos exemplos a seguir:

- (18) Doc. Ah por isso que o marginal vinha pra cá. Ficava escondido aqui/ Inf. É porque era coito é era coito. Aí então a insegurança aqui é muita. Aqui **se mata** muita gente. Aqui **se se se roba** muito aqui **se faz** tudo quanto exagero. (I.5,p.5)
- (19) Doc. Então conte de Recife mais coisas boas de Recife. Do que que a senhora lembra de lá? Do que que a senhora *lembra* lá de Recife?/ Inf. **me lembro** das minhas (idas) pra cidade **me lembro** das minhas colegas que eu deixei minhas amizades/ Doc. A senhora ia na casa delas?/Inf. Bastante todas elas né?/Doc. ahn ahn/ Inf. **me lembro** de tudo (I.4,p.10)
- (20) Tem até o barzinho na esquina ali que é o ponto dos artista chama Bar dos Artista né? Fica na esquina da Paissandú com a São João Então (...) eles **se reúne** toda segunda fera só segunda né? Então eles **reúne** lá assim e então eles procura bailes shows tudo quanto é artista né? (I.w,p.15)

A hipótese que está por trás do fator paralelismo discursivo é a de que a repetição governaria a variação: zeros condicionam zeros, e formas marcadas condicionam formas marcadas, no discurso subsequente. Os resultados deste fator são exibidos na tabela 2.

**Tabela 2: frequência e peso relativo de realização do pronome reflexivo conforme o paralelismo discursivo**

Paralelismo	Corpus de 1986-7		Corpus de 1997-2001	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Primeira ocorrência de uma série, ou isolada	241/579=41%	0.49	244/555=43%	0.54
Forma verbal precedida por forma marcada	99/119=83%	0.89	77/101=76%	0.78
Forma verbal precedida por zero	17/190=8%	0.22	17/148=11%	0.18
Total	357/888=40%		338/804=42%	

Os índices de frequência e de peso relativo deste fator evidenciam que, enquanto formas verbais marcadas (i.e. acompanhadas do pronome reflexivo) tendem a ser seguidas por outras formas verbais igualmente marcadas (pesos relativos: 0.89, 0.78), formas verbais em que se omite o pronome condicionam decisivamente a sua não-realização no discurso subsequente (0.22, 0.18). Nossos resultados apontam para a relevância do fator paralelismo discursivo no estudo de outros fenômenos de variação no português do Brasil, além da concordância verbal.

### 2.3 Status informacional do referente

Analisando a variação no uso dos pronomes reflexivos sob a perspectiva discursiva, e tomando por base os estudos de Dik (1989,1997), procuramos verificar se a identidade, entre o referente do sujeito e outro referente da mesma oração, equivale a informação dada ou nova no discurso.

Há ocorrências nas quais esta identidade nitidamente constitui *informação dada*: a ausência do reflexivo não prejudica a informação, e a sua presença é redundante, seja porque o verbo normalmente é empregado com sentido reflexivo, seja porque o entorno discursivo esclarece que se trata de um reflexivo. Exemplos:

- (21) ela falava assim “Eu não aguento meu Deus do céu eu não aguento vê Aninha nesse sofrimento meu Deus sorrindo desse jeito”. Eu falei assim “Ô Chica o que eu eu hei de fazê?” Quando eu **lembro** meu coração dói (I.p.p.11)
- (22) É a gente sofre muito né? sem mãe porque o pai cê já viu né? meu pai **casô** de novo, hoje tem mais cinco filho (I.e.p.12)
- (23) Não gostava aquele tinha aqueles fogão a ou elétrico ou a carvão, a gente sofria na cozinha fazê aqueles ( ) dia de domingo a gente queria saí do emprego cedo não saía. Acabava a cozinha quatro hora da tarde, até limpá aquelas gordura tudo / Doc. Trabalhava todo fim de semana?/Inf. Eu sempre trabalhei desde que eu **entendi por gente** de idade de déis ano pra ( ) até uns seis anos atras. Trabalhava sempre não tinha domingo nem feriado nem nada.(I.z.p.14)

Foram consideradas instâncias de informação nova aquelas em que a ausência do pronome compromete a informação, seja porque o verbo normalmente não é empregado na forma reflexiva, seja porque a identidade entre os dois referentes é totalmente inesperada levando em conta o contexto discursivo precedente.<sup>2</sup> Exemplos:

<sup>2</sup> Em nossa análise, levamos em conta o tempo do discurso, encarando este último como um processo. Isto implica que se o sentido reflexivo só é esclarecido posteriormente à ocorrência – como ocorre nas orações em itálico dos exemplos (24-25) –, ela será classificada como informação nova.

- (24) Eu que num ligo pra aparência não. Ligo é pro caráter das pessoa... então eu falo é... às veze a irmã fala que eu sou muito chata. Num é chata a pessoa tem que **dá** valô. *Num é qualqué carinha que mexe que deve ficá derreteno pra ele.* (I.9',p.36)
- (25) Eu fui até sem ele sabê. Ele saiu pra trabalhá a menina caçula já tinha treze tinha quatorze ano já trabalhava também eu ficava sozinha. Eles **arrumar** *sáiru pra trabalhá* eu fechei a casa e fui pro Hospital São Paulo (I.L,p.5)
- (26) Inf. eu não não sô eu sô um eu sô o seguinte sô um torcedô, mais não sô um torcedô fanático. Porque ((grito da filha)) inxiste inxiste o torcedô fanático né? /Doc. É, realmente / Inf. O fanático é esse que sai daqui com chuva com sol ele vai lá discuti / Doc. e com radinho né? / Inf. É, esse é o fanático, então esse aí é capais de **se matá** por aquilo ali, mais eu não sô um fanático. (I.2,p.12)

É de se esperar que o pronome tenda a ser utilizado com uma maior freqüência quando seu referente corresponde à informação nova, não conhecida, no trecho de discurso considerado, do que quando corresponde a uma informação dada, conhecida pelo interlocutor. Vejamos os resultados:

**Tabela 3: freqüência e peso relativo de realização do pronome reflexivo de acordo com o status informacional**

Status Informacional	Corpus de 1986-7		Corpus de 1997-2001	
	Freqüência	Peso relativo	Freqüência	Peso relativo
Dado	209/720=29%	0.38	228/681=33%	0.43
Novo	148/168=88%	0.87	110/123=89%	0.82
Total	357/888=40%		338/804=42%	

Os resultados da tabela 3 demonstram que o status informacional da forma anafórica tem peso decisivo em sua realização x omissão. Em ocorrências nas quais a identidade entre o referente do sujeito e outro referente da mesma oração constitui informação dada, predomina a omissão do pronome reflexivo (0.38, 0.43). Já naquelas em que esta identidade equivale a informação nova, o falante tende a explicitar a forma pronominal (0.87, 0.82). Notamos ainda que muitas dessas ocorrências em que o pronome veicula informação nova são gramaticalmente marcadas como Foco; exs.:

- (27) eu fiquei internada duas vez com pneumonia. Aí eu falei “Sabe duma coisa? Eu **vô cuidá é de mim**”, de vez em quando eu vô lá “dotor tá doendo aqui tá doendo aqui”. Paga INPS então tem direito de í né? (I.f.p.9)
- (28) Aí os médico tudo muito bom ali conversando com a gente i andô dando uns calcinante eu melhorei. **Era eu mesmo que tinha que me virá** tinha que í lá nos cafundó do juda pedi caxão porque não podia comprá mesmo né? (I.f.p.16)
- (29) Agora por que que eu passo no mercado eu compro ou num bar ou num emporiozinho eu compro em um preço. A senhora passa naquele otro já compra por otro. A senhora chega telefona e (disca) vai pra lá. Eu compro não ligo azar com aquilo ali. Otro compra não liga azar com aquilo ali. Tá adiantando pra senhora o que? (...) Se é pra levantá é tudo, gente. Nós tudo somo uma nação só. Se nós somo brasileiro nós tudo somo uma nação só. Nós tudo tem que trabalhá praquilo ali. Nós tudo temos que trabalhá pra ( ) respeite aquilo ali ((gritos de criança)) Se é praquilo ali não é nós não tamo fazendo não é pra governo nem pra presidente não. **Nós tamo fazendo são pra nós**. Por que é que nós não liga? (I.j.p.68)

## 2.4 Metáfora da divisão da psique

Lakoff (1996) e Talmy (2003a) propõem que algumas estruturas com pronome reflexivo podem ser analisadas em termos da metáfora da divisão da psique. Na visão destes autores, nem sempre conceptualizamos uma pessoa como unitária. Podemos igualmente vê-la como composta de duas ou mais partes, as quais podem, por vezes, ter ações e desejos antagônicos.

Uma parte é identificada com os desejos e impulsos, enquanto a outra age como elemento repressor e bloqueador, representando o senso de responsabilidade e propriedade de uma pessoa, e surgindo como uma introjeção de valores sociais externos. Estas duas partes em que uma pessoa é conceptualmente e metaforicamente dividida recebem, respectivamente, o nome de *Self* e *Subject* na terminologia de Lakoff (1996), e *Agonista* e *Antagonista* na terminologia de Talmy (2003a). Estes conceitos têm origem na Psicologia, sendo muito semelhantes às noções de *Id* e *Superego* formuladas por Freud.

Estas duas noções são gramaticalizadas na língua. O *Antagonista*, ou *Subject*, é realizado sintaticamente como sujeito da oração, representando o Agente; e o *Agonista*, ou *Self* é realizado como objeto reflexivo, representando o Paciente (TALMY, 2003a).

A análise da influência deste fator na variação no uso dos pronomes reflexivos partiu de duas categorias:

(i) estruturas não-metafóricas: a psique é analisada como uma entidade unitária. Este grupo engloba grande parte das ocorrências encontradas no *corpus*. São instâncias de uso reflexivo que não podem ser analisadas em termos do conceito metafórico da divisão da psique (exs.: *lembrar-se*, *esquecer-se*, *acostumar-se*, *criar-se*, *chamar-se*, *casar-se*, *levantar-se*).

(ii) estruturas metafóricas: em que a psique é conceptualizada como contendo duas partes (*odiar-se*, *gostar-se*, *controlar-se*).

A hipótese estabelecida é a de que estruturas metafóricas tenderiam a favorecer o uso do pronome explícito, já que este emprestaria materialidade às estruturas conceptuais abstratas (*Subject*, *Self*; *Antagonista*, *Agonista*) em termos das quais entendemos metaforicamente uma pessoa.

**Tabela 4: frequência e peso relativo de realização do pronome reflexivo conforme a presença/ausência da metáfora da divisão da psique**

Divisão da psique	Corpus de 1986-7		Corpus de 1997-2001	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Estruturas metafóricas	138/200=69%	0.63	144/189=76%	0.65
Estruturas não-metafóricas	219/688=31%	0.46	194/615=31%	0.45
Total	357/888=40%		338/804=42%	

A tabela acima mostra que o uso do pronome reflexivo é decisivamente favorecido em contextos em que a psique é conceptualmente dividida em duas partes (pesos relativos: 0.63, 0.65). Os exemplos a seguir, classificados conforme as categorias propostas por Lakoff (1996), ilustram alguns desses contextos:



Metáfora do *Self como uma companhia*: Subject e Self podem ser analisados como duas pessoas que habitam o mesmo corpo. A relação entre os dois pode ser harmoniosa, ou conflitante.

- (30) Eu bebia, fumava, eu era um cara super nervoso eu era um cara nervoso. Aí eu vim pra igreja, minha mulhé, minha mulhé que levou ( ) Ela sofria comigo, era um cara nervoso, botava um revólve na cinta achava que era ( ) era assim... ( ) Ela loitou comigo ( ) Não é fácil assim não você sê casado com um homem, e ele sê alcóolico né? Mas graças a Deus, Deus me libertô desses vício, não tenho vício mais. Eu **tinha ódio de eu mesmo**, você acredita? Hoje eu olho vocêis, eu amo vocêis como eu **tô amando eu mesmo**. Eu sô assim agora (I.T'.p.30)

Metáfora do *Subject ausente*: o controle do Subject sobre o Self é conceptualizado em termos de espaço: exercer controle equivale ao Subject estar dentro do Self, ao passo que, em uma situação de descontrole, o Subject fica ausente, fora do Self.

- (31) Sabe que eu fiquei trespassada. Quando eu cheguei que eu vi a mamãe eu lembro que eu vi mamãe na hora que eu entrei né? Quando eu **voltei em si** já fazia umas hora que eu tava ali (I.f.p.16)

Metáfora do *auto-sacrifício*: abrange três outras metáforas conceptuais: (i) o esforço do Self é um recurso limitado para ser utilizado preferencialmente em benefício do Subject; (ii) quando isto não acontece (i.e. não nos esforçamos em favor de nós mesmos), sacrificamos este esforço; (iii) por metonímia, toma-se o Self pelo esforço do Self. Estas três conceptualizações explicam como é possível “matar-se”, “acabar-se” e “sacrificar-se” em favor de alguém.

- (32) Inf. Porque eu não paro em casa, eu não posso parar em casa, eu não posso parar. Na hora que eu tô mais ou menos quando que:: os pequeno da minha fia que não tem assim quem oiá, porque as meninas grandes. Tem uma que é do prezinho e... meu quintal não é cercado, nem é alambrado e eu... não tô em PAZ/ Doc.1 sei/ Inf. E a gente precisa ficar provida dentro do ônibus, porque se não a pessoa cata, Deus o livre, o carro mata, então preciso cuidar. Mais é demais... eu não sei... eu **me acabei** sendo pai:: a gente tem que rezar muito pra Deus, mode do que... o que eu não passo, já passei e tô passando... NOSSA SENHORA! (I.Z'.p.6)

Metáfora *seja verdadeiro consigo mesmo*: uma das partes da psique (geralmente o Subject) é a que determina os padrões de conduta para a outra parte (o Self), mas esta pode falhar em seguir estes padrões. Se isto acontece, uma parte “engana”, “decepciona” ou “envergonha” a outra.<sup>3</sup>

- (33) e olha que eu passei coisas sem marido e não fiz aborto e eu era bem legal de saúde. Agora depois que eu tive marido por causa de conversa dos otro pra que filho muito filho fui fazê **me desgracei** é a pió coisa do mundo (I.r.p.12)

Metáfora do *eu interior*: a variação no comportamento das pessoas – conforme estejam em sua vida privada ou em público – pode ser conceptualizada como diferentes Selves. Por trás desta metáfora, há a idéia de que o Self verdadeiro fica dentro do Subject e

---

<sup>3</sup> Para Lakoff (1996), nesta metáfora, ao contrário da grande maioria dos casos, é o Self quem determina os padrões de conduta para o Subject. Isto contradiz alguns parâmetros que ele próprio utiliza para definir Subject (julgamento, razão, percepção, consciência) e Self (corpo físico, ações no mundo real, vontade, necessidades, paixões). Nem sempre ficam claros os critérios utilizados para definir quem está no controle.

difícilmente se mostra. Este Self verdadeiro e interior pode ter que ficar escondido, porque não é socialmente aceitável, como ilustrado no exemplo (34).

- (34) Doc. Mas era encrenqueira então a ex?/Inf. A ex era increnquera. Depois ela ligô pa pulícia./Doc. Ciumenta./Inf. É, ligô pá pulícia. Eu tô lá deitado, a pulícia chega. (...) Aí ela foi falá um negócio, a otoridade falô cum ela, o pulicial, né? : “ó, eu vô pidí calma pa você num perdê seus direitus todos, de uma veiz, porque cum, cum a sinhora, num tô vendu confusão dele, agora a sinhora **se guarde** um poco aí.” (I.F’,p.3)

Metáfora da *causação interna*: o Subject exerce força física ou psicológica sobre o Self. Esta metáfora envolve o conceito de dinâmica de força (TALMY, 2003a,b): o Subject Agente (i.e. minha experiência consciente) pode controlar o Self Paciente (corpo físico, desejos, impulsos, etc.).

- (35) Doc. Apesar de toda essa preocupação com as crianças / Inf. Apesar de toda toda é aqui eu acho que eu **me controlei** mais um poquinho né? (I.b.p.3)

É possível que estas metáforas tornem o pronome reflexivo mais saliente para o falante, favorecendo o seu uso. Curioso é o fato de que os pronomes sejam utilizados com uma maior frequência e probabilidade nos contextos que *não* indicam correferência, assinalando, em vez disto, as partes em que uma pessoa é conceitualmente dividida.

### 3. Considerações Finais

O estudo quantitativo da variação entre realização x não-realização das formas pronominais reflexivas no português popular de São Paulo revela que enquanto alguns contextos tendem a condicionar decisivamente a omissão dos reflexivos, outros apresentam a tendência contrária, favorecendo fortemente a sua realização.

A análise, orientada por uma perspectiva funcionalista e semântico-cognitivista, mostra que o fator mais relevante para explicar essa variação é o tipo de pronome reflexivo. Determinadas funções semânticas, tais como o *reflexivo verdadeiro* e o *reflexivo recíproco*, e as *passivas reflexas* de forma geral, tendem a condicionar o uso do pronome explícito. Ao passo que o *reflexivo lexical*, categoria na qual o pronome assinala reflexividade esperada, ou necessária, desfavorece decisivamente a realização da forma anafórica.

Do ponto de vista semântico-cognitivo, observa-se que o pronome tende a ser utilizado quando representa categorias cognitivas altamente abstratas, empregadas inconscientemente na vida diária, tais como *Subject* e *Self* – as duas partes em que metaforicamente se divide a psique de uma pessoa.

No âmbito sintático, constatamos a relevância do fator paralelismo discursivo. Os índices de frequência e de peso relativo deste fator evidenciam que, enquanto formas verbais marcadas (i.e. com uso do pronome reflexivo) tendem a ser seguidas por outras formas verbais igualmente marcadas, formas verbais em que se omite o pronome condicionam decisivamente a sua não-realização no discurso subsequente.

Sob a perspectiva discursiva, por fim, notamos que o status informacional da forma anafórica tem peso decisivo em sua realização x omissão. Em ocorrências nas quais a identidade entre o referente do sujeito e outro referente da mesma oração

constitui informação dada, predomina a omissão do pronome reflexivo. Já naquelas em que a ausência do pronome compromete a informação, seja porque o verbo normalmente não é empregado na forma reflexiva, seja porque a identidade entre os dois referentes é totalmente inesperada levando em conta o contexto discursivo, o falante tende a explicitar a forma pronominal. Notamos ainda que muitas dessas ocorrências em que o pronome veicula informação nova são gramaticalmente marcadas como Foco.

O trabalho demonstra a relevância de se estudar outros fatores condicionantes da variação no uso dos pronomes reflexivos, além dos já contemplados na literatura lingüística.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, F. da Silva. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991. 1373 p.

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar. Part 1: The Structure of the Clause*. Dordrecht Holland/ Province RI:USA: Foris Publications, 1989. 433 p.

\_\_\_\_\_. *The Theory of Functional Grammar. Part 2: Complex and Derived Constructions*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997. 477 p.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. 11ª ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991. 344 p.

LAKOFF, G. Sorry, I'm not myself today: The metaphor system for conceptualizing the Self. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.). *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1996. p.91-123.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980. 242 p.

NUNES, J. Ainda o famigerado *se*. *Delta*, vol. 2, no.2, 1995. p.201-240.

PEREIRA, D. C. *Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: Uma abordagem funcionalista e cognitivista*. 2007. 350 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, A.C.S.; PEREIRA, D.C. Pronomes reflexivos no português popular brasileiro. In: VALENCIA, A. (ed.) *XIV Congresso Internacional de la ALFAL*. Universidade Autonoma de Nuevo León, Monterrey, México, 2005. Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org/indexp.htm>>. Acesso em 26/agosto, 2008.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *Delta*, vol.9, n.1, 1993. p.1-14.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics. Volume I: Concept Structuring Systems*. Cambridge, Massachusetts/ London, England: The Mit Press, 2003a. 565 p.

\_\_\_\_\_. *Toward a Cognitive Semantics. Volume II: Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge, Massachusetts/ London, England: The Mit Press, 2003b. 495 p.

